

# HÓSPEDE

## Capítulo I

Como no relógio da parede soassem quatro horas, Nenê, num movimento de desânimo, deixou escorregar-lhe pelo corpo abaixo o jornal que estava a ler distraidamente. Algum pensamento triste acabrunhava-a. Tanto que por sob as madeixas sedosas da franja adivinham-se umas rugazinhas pequeninas a franzir-lhe a testa, aproximando-lhe os sobrolhos levemente arqueados. Veio-lhe um gesto grande de inquietação e com o pezinho delicado batia febrilmente no assoalho. Depois o braço torneado e alvadio, nas curvaturas graciosas fortemente desenhado pela manga estreita do casaco, apoiou-se ao encosto da cadeira de balanço para sustentar mais comodamente a cabeça gentil dos traços finos numa pureza ideal de Juno. E dali seus olhos verde-azulados - imensos lagos de ternura a desafiar os pescadores do amor, volveram-se languidamente, absortos na contemplação daquele quadro holandês todo feito com a mansuetude da vida caseira.

A luz viva de um sol, que ao termo da viagem galopava ligeiro com pressas de pernoitar na grande hospedaria do ocaso, entrava francamente pelas janelas abertas clareando aquele salão de gosto antigo, de uma grande prodigalidade de madeiras severas e embaciadas, sem o falso brilho dos vernizes. No fundo escuro paredes forradas em imitação de grandes panos de carvalho embutidos em largos caixilhos de mogno; e a harmonizar-se com elas uma pesada mobília Luís XIV de altos espaldares cheios de obras de entalhe. Apenas como nota vibrante e alegre - o refrangir dos cristais e dos serviços de eletro-prata a rebrilhar no grande armário envidraçado; e no centro da casa a mesa elástica já convenientemente preparada para o jantar com a toalha alvejante e o branco lúcido dos pratos dentre os quais se erguia, a tocar quase no lustre bronzeado, a fruteira de bacará - pirâmide alaranjada que se terminava floridamente num grande ramo de crótons.

No meio deste espetáculo, como a imagem da vida, sonolenta nas paixões, petrificada em sua impassibilidade, o vulto nobre e altivo de d. Augusta. Sentada junto à janela oposta, em uma cadeira baixa a contrastar com a uniformidade da mobília, tendo junto a si uma pequena mesa de costura sobre a qual repousava uma cestinha de vime, entretinha-se em alinhar umas camisinhas de criança que ia jogando no chão à medida que as aprontava. Suas mãos longas e delicadas de aristocrata moviam-se em grande volubilidade. E por sobre tudo isto a sua cabeça de velha que atravessou uma existência calma, nua de desgostos, conservando a sua pele acetinada, tendo apenas branqueado os cabelos ao suceder dos anos.

Uns cabelos formosos e bastos que penteava em grandes bandos por cima das orelhas às quais se suspendiam uns compridos brincos de charão.

E Nenê esquecia-se do tempo. Achava aquilo tão bonito. Vinha-lhe uma sensação boa de felicidade a beijar-lhe o colo quase nu sob o rendilhado do casaco. Encolhe-se toda na cadeira num gesto elegante de gata friorenta e deixou que o seu olhar boiasse a flux do lago de mansidões. Para que incomodar-se? Ela sentia-se tão bem naquele descanso do organismo inteiro. Demais não estava com fome. Não valia a pena inquietar-se por tão pouco. O jantar podia muito bem ser demorado um bocadinho. E deixou que a embalasse o oscilar da cadeira, seu pezinho delicado surgindo de entre as saias a desenhar-lhe os contornos sensuais da perna.

Voltara-se para as bandas de fora. Gostava do verde escuro das folhagens

espessas, e achava graça na voz do vento a sibilar pelas ramadas. Além, no branco arenoso da alameda brincava o filhinho louro muito entretido em encher de terra os vagões de um pequeno trem. Estava tão bonito com a sua roupa azul de marinheiro e o rosto inteligente e rosado a enquadrar-se na moldura dourada de suas longas madeixas! E Nenê sorria-lhe mostrando-lhe os dentes alvos, toda embebida nesse espetáculo, com vontades de ir brincar também, de beijá-lo muito e muito, nuns grandes pruridos de maternidade.

Entretanto o relógio batera quatro e meia. D. Augusta levantara-se e reunia as costuras. A coisa não podia ficar assim! Era preciso dar-lhe uma decisão, e já que o Pedro não vinha, jantarem sem ele! Nenê protestava. Ainda poderiam esperar mais um bocadinho. Pelo menos até cinco horas. E novamente umas rugazinhas pequeninas franziram-lhe a fronte. Qual o motivo dessa desacostumada tardança? Ter-lhe-ia acontecido algum contratempo? Repassava na memória todas as possíveis eventualidades. Semelhantes perspectivas repugnavam-lhe. Em tais condições ela sempre receberia muito cedo a triste notícia. Mas voltavam-lhe visões fantásticas de desastres por mais que ideasse para afugentá-las uns pensamentos alegres. Veio-lhe então um grande desânimo, um abandono de si mesma. Que necessidade havia de preocuparem-na com estes assuntos! E forcejava em voltar ao quietismo de idéias em que se lhe absorvia a existência inteira.

## Capítulo II

Ouvira-se porém o parar de um carro e os gritos alegres do menino que corra para o portão. Nenê debruçara-se na janela, intimamente sobressaltada, presa ainda daqueles pesadelos medonhos de suas cismas de havia pouco, querendo saber do que se tratava, receosa ao mesmo tempo de conhecer a realidade que podia muito bem não lhe deixar a zona vaga da esperança onde arquitetar um castelo de felicidades. O ver o marido que caminhava alegre trazendo o filhinho ao colo foi-lhe de um grande alívio. Respirou mais livremente, como se lhe tivessem tirado de sobre o peito algum peso que a oprimia. Correu ao seu encontro, desejosa de abraçá-lo logo e logo, de lhe fazer mil perguntas, de conhecer a causa de semelhante demora, cheia de contentamentos, feliz até com as suas primeiras apreensões que lhe faziam saborear com muito mais prazeres aquele beijo afetuoso que ia receber. E foi com a fisionomia assim animada, numa grande gentileza de movimentos, que ela se lhe ofereceu ao costumado ósculo vespertino.

No afã de abraçar o Pedro não reparara que ele vinha acompanhado por um outro homem; e ao vê-la - essa fisionomia estranha que divisava pela primeira vez - ficou muito perplexa, levemente ruborizada, não sabendo o que devia fazer nem como acolhê-la. Ao rápido relancear de olhos com que o examinara pareceu-lhe achar-se em presença de um amigo e julgou prudente dar-lhe um desses sorrisos benévolos de mulher bonita. De mais achou-o muito simpático, com a sua epiderme fina, olhar azul e cabelos castanho-claros. E como o marido lhe pegasse no rosto e a beijasse longamente nas duas covinhas da face fez-se de muito escandalizada. Mas o Pedro gostou desse movimento arisco de pombinha branca que limpa as penas e voltou-se para o companheiro com uma risada franca e jovial. A mulher tinha dessas coisas! Também a culpa era dele que não começava pelo princípio e estava de braços cruzados em vez de apresentá-lo!

E para obviar o esquecimento foi logo dizendo à moça que aquele era o Marcondes - o tal companheiro de colégio de que lhe falava tantas vezes. Então os dois cumprimentaram-se quase como velhas relações, conhecendo-se um ao outro por intermédio do Pedro, contentes de se verem, achando-se mais ou menos semelhantes às pinturas que deles havia feito o amigo comum. Agora Nenê examinava-o mais detidamente e agradou-se muito do seu aspecto correto com as roupas elegantes e os

bonitos bigodes cuidadosamente retorcidos; e o rapaz por seu turno deixava-se prender pela atmosfera atraente de canduras que parecia circundá-la em suas formas graciosas de mulher bem feita.

Não havia porém tempo a perder! Era preciso quanto antes aprontar o quarto lá de cima do sótão porque as malas já estavam em caminho e chegariam de um momento para outro! E o Pedro entrou em explicações. Estava na rua do Ouvidor quando se encontrara com o amigo que naquele instante mesmo desembarcara de Pernambuco onde acabava de se formar, e andava à procura de um hotel. Ele entendera de seu dever não consentir em semelhante projeto, e trazê-lo para casa na qual se acomodaria muito bem porque o sótão tinha uma entrada independente. Além disto era questão de dias, apenas enquanto o Marcondes arranjava uma promessa de promotoria!

Esta resolução do marido surpreendeu-a algum tanto, se bem que já estivesse habituada a semelhantes inconsiderações de franqueza. Dentre todas as coisas preocupava-a essencialmente a forma pela qual a mãe receberia a notícia. Sabia-a muito cheia de etiquetas e de severidades no tocante a certos assuntos e de mais a mais de algum tempo para cá andava a evitar um choque entre a velha senhora e o marido. No final das contas e apesar dessa aparência de afabilidades em que viviam sentia haver de parte a parte um quer que fosse de hostil. Mas o mal já estava feito, não havia mais possibilidade de dissuadir o marido da idéia e a única obrigação pareceu-lhe o ajudá-lo na empresa.

Foi em tais disposições de espírito que ela dirigiu-se para o interior da casa a fim de ordenar as arrumações necessárias. Manobrou porém de forma a achar-se presente quando o Pedro apresentou o amigo a d. Augusta que, muito tem educada e gostando pouco de escândalos, contentou-se em corresponder-lhe com uma grande frieza. Mas tanto ele como o Marcondes, atarefados com as malas que acabavam de chegar, não se aperceberam disto. Ambos tratavam de acondicionar tudo aquilo da forma mais rápida possível, desejosos de se porem à fresca e com grande apetite porque tinham apenas tomado uma xícara de café ali no beco das Cacelas. E era então um desencontrado de opiniões, uma grande lufa-lufa que demorava ainda mais o serviço. Só depois de meia hora de contínuos e intermináveis vaivéns ficou tudo provisoriamente arrumado e eles puderam tirar as roupas que traziam e vestir os paletós de palha de seda com que compareceram à sala de jantar.

### Capítulo III

O jantar corria mansa e sossegadamente. D. Augusta, à cabeceira, continuava com os seus modos glaciais, sem dirigir palavra ao genro e ao amigo, descarregando-se de toda a bilis no Valentim, que não sabia servir a mesa, e na cozinheira, que deixara a fumaça entrar nas panelas. E nem queria ouvir explicações a respeito. Azedava-se quando lhe diziam que tudo isto devia ser atribuído à demora inesperada. No final das contas essas desculpas avivavam-lhe mais no pensamento aquilo que ela forcejava exatamente em esquecer. Também que idéia extravagante tivera o genro de trazer para casa um companheiro de colégio que ele não vira mais depois da sua formatura no Pedro II, e que não conhecia absolutamente a família da mulher! Se o Pedro a tivesse ao menos previamente consultado! Mas qual! Ele era incapaz dessas pequenas deferências! Supunha-se dono da casa e queria fazer tudo conforme lhe vinha à cabeça! Por isso também andava a meter os pés pelas mãos e a cometer quanta imprudência havia! Ele porém que tomasse tento porque ela não estava disposta a prestar-se a semelhantes desregramentos!

Nenê observava-a. Assistia àquele monólogo tumultuário de idéias que a mãe estava ali a ruminar no seu silêncio esfingético. E retraía-se absorta em uns tristes pensamentos,

previa umas grandes atrapalhões a perturbando-lhe o calmo da existência e vinham-lhe umas sensações más de infelicidades. Ela sentia-se tão boa, tão fácil de contentar no seu egoísmo de sossego! Para que procuravam atormentá-la, lançá-la de repente, assim sem mais nem menos, numa questão entre a mãe e o marido? Decididamente estava muito só no mundo, sem uma grande afeição protetora a acolchoar-lhe as asperezas da vida. Revoltava-se. Se ao menos eles pudessem brigar sem envolvê-la na questão! Não contava porém com semelhante coisa, e a imagem dessa desavença evocava-se por si mesma como encarnação pavorosa do futuro próximo, tornando-a apreensiva, cheia de inquietações. Admirava sobretudo a atitude tranqüila do marido que ainda não percebera a catástrofe iminente e continuava muito alegre a encher os intervalos dos pratos, dando ele sozinho vazão às necessidades da conversa.

Ao Marcondes não passava porém despercebido este ar de constrangimento com que o tratavam. Sentia-se demais. Arrependia-se de ter aceitado o oferecimento do Pedro. Mas ele tinha insistido tanto, mostrando tão veemente desejo de trazê-lo para ali! E recapitulava a cena inteira. Aqueles grandes e cordiais abraços do primeiro encontro, a conversa apressada e genérica que haviam tido no café, a proposta repentina do amigo exatamente quando ele pedia-lhe informações sobre os hotéis da Corte. No final das contas não devia ter acedido a semelhante coisa; sua obrigação em tal caso era examinar bem as circunstâncias que o rodeavam e não entrar assim às tontas por uma família adentro. Se tivesse refletido, este seria o seu procedimento. Mas eles se haviam resolvido tão às pressas! E intimamente parecia-lhe que o outro era o culpado de tudo isto. Desde o colégio, naqueles bons tempos em que os dois saíam juntinhos das aulas para darem os seus passeios, que ele notara no Pedro um certo estouvamento, umas grandes imprudências e irreflexões, que então lhe pareciam muito engraçadas e de que os dois já se tinham habituado em carregar com as conseqüências.

Agora era novamente preciso que ele se metesse pelo negócio e acalmasse os ânimos enquanto não arranjava um pretexto para se retirar. Tinha muita confiança em si. Lembrava-se das dificuldades quase idênticas em que se achara por vezes e que conseguira sempre resolver com a sua brandura e pacatez - inimigo como era desses choques brutais de temperamentos e de individualidades. Para dar princípio às suas resoluções, para entrar imediatamente nesta campanha à conquista de paz, parece-lhe bem conveniente começar pela criança, por aquele menino louro que estava ali a seu lado, na cadeirinha alta, muito sério, sem dizer uma palavra, com modos de gente. Perguntou-lhe o nome. Chamavam-no Pedroca para não confundi-lo com o pai. E desde então rodeou-o de cuidados e atenções, procurando contentá-lo em todos os desejos, prestando-se às suas pequenas exigências e ouvindo com um sorriso benévolo a narração dos seus brinquedos. De mais encontrava nisto um grande prazer. Achava-o muito engraçadinho a gaguejar umas palavras quase ininteligíveis. Oh! Ele gostava tanto de crianças!

E o Pedro continuava muito alegre e satisfeito, banhando-se naquela atmosfera de limpidez fictícia, completamente alheio a tudo quanto se passava, estranho a esse drama da vida caseira que estava se preparando como uma nuvem borrascosa a subir pelo firmamento acima, todo entregue aos vislumbres de felicidade que pareciam rodeá-lo. Achava tão boa essa vida de mansidões que ia a viver pela existência afora, entre a esposa e o filhinho! Vinham acariciar-lhe as faces umas sensações agradáveis de felicidades. Fora até por um requinte de bazófia, um desejo de mostrar ao amigo essas doçuras em que se reclinava como numa rede macia e perfumada, embalando-se molemente às tépidas virações do amor, que ele insistira tanto para que viesse, para que aceitasse aquela hospedagem oferecida com toda a lhanza de um velho amigo de colégio. E agora queria fazer ostentação de todas as amenidades que o cercavam, dar-lhe a palpar esse mundo inteiramente novo para o Marcondes, que andara sempre nessa boemia das repúblicas - mundo onde pretendia pilotá-lo com a maestria de um consumado conhecedor.

## Capítulo IV

O jantar prolongara-se muito, tanto que quando o terminaram já começava a anoitecer. Apesar disto porém o Pedro não quis que se alterasse o hábito contraído de tomarem o café lá fora na calçada. Demais contava aproveitar-se da ocasião para mostrar ao amigo o jardim que rodeava a casa e que lhe parecia muito bonito. E como d. Augusta não quisesse acompanhá-los porque o sereno lhe fazia dor de cabeça, Nenê teve ao princípio desejos de ficar junto dela, com tenções de preparar-lhe o espírito e evitar qualquer incidente desastroso. Mas a moça gostava tanto daquele pequeno passeio por sob as árvores, achava tão boa a estada ali na calçada a ver quem passava, que mudou de idéia e resolveu juntar-se ao grupo. O Pedroca, que começara a simpatizar muito com o Marcondes, abria a marcha, com uns grandes transbordamentos de alegria, querendo mostrar tudo ao seu novo amigo, falando-lhe principalmente do repuxo que espirrava água para cima, e achando muita graça no barulho que os calçados faziam na areia dos caminhos.

Chegados ao portão sentaram-se todos em umas cadeiras de ferro, que haviam trazido do jardim, e houve uma pequena pausa, um momento de silêncio durante o qual puseram-se a contemplar o espetáculo que se lhes oferecia. Lá longe, no princípio da rua do Matoso começavam a acender os lampiões. As luzes surgiam bruscamente do meio das trevas, enfileirando-se como soldados, naquele grande paradoxo do ângulo nulo formado pelas paralelas que se encontram no infinito. O calçamento claro e asseado ia tomando um aspecto elegante de bulevar. Era um grande rio marginado de arvoredos por onde se escorria brandamente a linfa humana. Com os seus vestidos brancos e as risadas argentinas, por entre frases murmuradas aos ouvidos, subiam e desciam lentamente grupos de moças que, numa grande familiaridade, convertida a rua em salão comum, trocavam cumprimentos de uma para outra calçada e entravam em grandes permutas de beijos quando se encontravam frente a frente.

Por detrás deles a atmosfera balsâmica dos jardins. Uma viração suave a farfalhar molemente no verde-escuro das folhagens, impregnando-se de odores bons ao passar pelas murtas e manacás floridos. Ouvia-se o ruído refrescante do repuxo. E dentre aquela mole de árvores e arbustos erguia-se com as suas arestas vivas e os cantos angulosos o vulto, esbranquiçado como um fantasma, da casa onde residiam. Em paralelepípedos de luz a projetarem-se através do jardim, iam-se uma a uma, clareando as janelas que, abertas todas inteiras em suas vidraças de batentes, despejavam de lá de dentro um bafo animado e quente de vida. Uma grande harmonia comunicativa se estabelecia entre quatro. Os estômagos cheios, sem as preocupações da vida do dia a dia, absortos em seus pensares, a refletirem sobre os sucessos do momento, calavam-se todos. Apenas o Pedroca dava-se ao trabalho improfícuo de uns movimentos, forcejando por subir ao colo do Marcondes, e como este o suspendesse e o pusesse a cavalo sobre a coxa, o menino interrompeu o silêncio com uma gargalhada de criança que bota o corpo para trás e deixa sair a alegria aos borbotões.

Entretanto o Valentim aparecera com a bandeja do café e o licoreiro, que foram colocados sobre uma mesinha redonda de ferro. Os dois acenderam os charutos enquanto Nenê servia o açúcar e passava-lhes as canequinhas. E quando concluíram os últimos goles, veio-lhes espontaneamente um suspiro de satisfação. A vida assim era tão boa! Mas a moça não concordava. Para os homens, talvez; mas para as mulheres, não! Eles examinavam aquilo superficialmente, não entravam em minudências, não sabiam quanto trabalho dava essa aparência de quietismo que os rodeava. E como protestassem, entrou em explicações. Só as criadas bastavam para fazer a gente criar cabelos brancos! Eram de uma má vontade e estupidez incalculáveis. Ocasões havia em que se tornava preciso repetir uma ordem três e quatro vezes, e mesmo assim nunca saía coisa que prestasse! Se pudesse ver-se livre de toda esta cambada de vadios! Mas qual! Infelizmente ninguém podia dispensá-los! E além destas, muitas outras contrariedades! Só mesmo vendo era possível formar opinião a respeito!

Os dois riam-se. Era ela quem não sabia ajuizar claramente os fatos e consideravas falsamente em suas exterioridades! Com efeito devia-lhe parecer muito boa e agradável aquela aparência de liberdade de que gozavam! Mas em troca disto quantas obrigações! Se ela pudesse formar uma idéia a respeito veria que a vida, para os homens, era muito mais atrapalhada e cheia de contrariedades, ao passo que as mulheres tinham apenas para as atormentar aquelas ninharias domésticas de que elas gostavam, no final das contas! Nenê, porém, teimava em suas proposições e amontoava argumentos sobre argumentos para demonstrar que na partilha do mundo o seu sexo tinha ficado com todos os dissabores, enquanto ao outro havia cabido o lado brilhante e fácil. E que não a atrapalhassem nem lhe quisessem fazer acreditar no contrário! Não admitia réplicas! Era força concordar com as realidades! Os homens que deixassem de se adornar com penas de pavões e dessem o seu ao seu dono! Não pedia nada demais!

## Capítulo V

Entretanto o sereno fazia-se forte e o Pedroca podia se constipar. Era prudente não ficarem mais ali e irem todos para dentro. Demais, d. Augusta estava sozinha e era preciso não abandoná-la assim sem mais nem menos. A velha senhora era muito boa, mas cheia de nicas, de forma que às vezes zangava-se por uma qualquer coisa onde enxergasse falta de consideração. E levantaram-se todos, cada qual tratando de repor as cadeiras de ferro no lugar em que as havia achado, sem interromper porém a discussão em que estavam empenhados. Nenê continuava ainda a defender a sua tese. Não queria admitir que lha contestassem. E a volta para casa fez-se em grandes alegrias e rumores de vozes a dialogarem. Apenas o Pedroca, que não entendia nada daquilo em que se ocupavam, conservava-se calado, muito unido ao corpo do Marcondes, que o trouxera ao colo, com medo da escuridão das árvores, não achando mais graça no barulho dos calçados a remexerem a areia dos caminhos que destacavam-se como faixas brancas no fundo negro do quadro.

Foi a sala de visitas o ponto escolhido para a reunião. Além de ser ela muito clara e confortável, era aí que se achava o piano e Nenê poderia distraí-los executando diversos trechos clássicos de que gostava muito. E, como Marcondes aproveitasse o ensejo para fazer um paralelo entre a música alemã e a italiana, que lhe agradava muito mais a moça engajou uma nova discussão, apreciadora como era de Beethoven e Mozart. Cada qual forcejava em produzir argumentos em seu favor, cantarolando trechos; os dois sozinhos, junto ao piano, porque D. Augusta conservava-se do lado oposto, sem dizer uma palavra, com o seu ar severo de vestal ofendida, e o Pedro não entendia nada de música e nas suas horas de pilhérias chegava mesmo a dizer que o piano fazia um barulho infernal a incomodar-lhe os ouvidos. Mas nesse momento ele estava com boas disposições, tanto que quis intrometer-se na conversa e concluiu no meio de gargalhadas que a música mais harmoniosa era a dos sinos de igreja quando dobravam por causa de algum defunto.

Nenê não gostava porém dessas caçoadas. Quem não entendia do negócio devia conservar-se calado! E o Pedro fez-se muito sério. Em toda a sua vida aquela história do piano fora sempre para ele motivo de contrariedades, porque a mulher acabava sempre por debochá-lo, meio amuada, não podendo compreender bem que houvesse gente com tanta aversão à música. Ao menos para não ficar calado quis dirigir a conversa para outro terreno e lembrou ao amigo as aulas do Matias. Como a moça desejasse explicações sobre as risadas com que foi acolhido este nome, entraram em detalhes. O Matias era o professor de música lá do externato d. Pedro II. Um bom homem, coitado, mas muito tolo e que se deixava ridicularizar pelos rapazes! E cada qual queria contar uma história a respeito. Falaram dos solfejos no meio dos quais se desentoava com uns grandes guinchos que revolucionavam em gargalhadas a aula inteira. Enfim, como não se fizesse

exame da cadeira, só aprendia quem tinha vontade! E o Pedro disse então à mulher que o Marcondes era exatamente um daqueles que, no tempo, mais vocação havia mostrado.

O rapaz desculpava-se, fazia-se de modesto. Era verdade que tinha algum gosto para a coisa e que chegara mesmo a aprender um bocadinho de flauta! Mas não passava de um curioso! Nenê queria porém ouvi-lo e, como ele dissesse que trouxera uma, pediram-lhe muito para que a fosse buscar. Exatamente ela tinha uma música com acompanhamento e que lhe parecia muito fácil. Rápida em seus desejos, revolveu logo a estante e mostrou-lhe a partitura, que os dois examinaram enquanto o Pedro insistia e dizia ao amigo que não se fizesse de tolo e se deixasse de cerimônias. E tais foram os rogos e os pedidos que lhe dirigiram que o Marcondes viu-se obrigado a fazer-lhes a vontade. Começaram então de parte a parte os ensaios, cada qual trabalhando por acertar o compasso, e no fim de alguns instantes tiraram completamente a música e deram princípio à execução. O Pedro aplaudiu-os vivamente com grandes e estrepitosas palmas, e a própria d. Augusta, saindo bruscamente de sua atitude reservada, dirigiu ao rapaz algumas palavras de animação.

Nenê, essa nadava em contentamentos. Havia tanto tempo que ela sonhava encontrar alguém que a acompanhasse ao piano, com quem pudesse conversar sobre música, que a compreendesse enfim! E instintivamente estabelecia um paralelo entre o marido e o Marcondes. Se ela fosse casada com alguém nessas condições como havia de ser feliz! Vinham-lhe então umas lamentações íntimas. O marido, com as suas continuas pilhérias e aquelas declarações brutais de que o piano era um tacho rachado, estava até a fazê-la esquecer-se do que já sabia! Mas agora ia tomar um fartão! E planejava umas longas noitadas assim como essa, ali entre a mãe, o marido e o filho, durante as quais havia de executar com o outro as peças que aprendesse durante o dia. Muito encantada com o projeto, queria logo procurar uma outra música, presa de estado febril, atirando-se no mais forte do caudal, com uma grande voracidade de prazeres, numa prodigalidade de alegrias. E o Marcondes prestava-se boamente às suas vontades, também encantado com semelhante desenlace, intimamente satisfeito de poder dar largas a sua paixão musical.

## Capítulo VI

Já ia porém se fazendo tarde e o Valentim viera preveni-los de que o chá estava na mesa. Com grande pena de Nenê, que queria ainda tocar mais uma peça, dirigiram-se todos para a sala de jantar e o Marcondes, para se fazer amável, ofereceu o braço a d. Augusta. Havia entre todos uma alegria comunicativa, e a boa senhora, a pesar seu, sentia-se arrastada na correnteza de simpatias que se dirigiam ao hóspede tão bruscamente aparecido. Mas o aspecto severo da sala de jantar com o seu papel e adornos escuros, limitando a luz do lustre a um pequeno círculo no centro da casa, fez esfriarem-se quase aqueles primeiros ímpetos. Não se respirava mais aquela atmosfera saturada pelos acordes do piano e da flauta. A mudança de aposento transtornara a direção das correntes magnéticas, e o abandono dos lugares já aquecidos e aos quais se haviam habituado parecia ter também contribuído para semelhante sucesso. Demais, pelas janelas abertas entrava um ar frio, fazendo experimentar umas sensações más de isolamento, por sob as roupagens.

Foi pois quase cerimonialmente que eles tomaram assento à mesa nas mesmas posições que haviam ocupado ao jantar - d. Augusta à cabeceira, o Pedro e Nenê à direita, o Marcondes e o Pedroca à esquerda. Cada qual atento a si mesmo, começaram a tomar o chá que fora servido em xícaras delgadas como folhas de papel, cobertas com essas pinturas burlescas da chinesaria. O silêncio prolongava-se, todos à procura de uma frase para dar princípio à conversa, não a achando e parecendo-lhes que a cada

momento aumentavam as dificuldades. Como porém estivessem a comer as infalíveis torradinhas com manteiga forcejassem debalde para não fazer barulho ao mastigá-las, o Pedroca riu-se muito, mostrando por entre os lábios rubros e úmidos de chá os dentinhos brancos e ainda não completamente unidos. Todas as noites era sempre essa história, e o menino julgava não ter tomado o chá com prazer quando não dava essa risadinha e não dizia que a mãe parecia um ratinho. Sempre acolhiam com grande entusiasmo a caçoada da criança e era esse o ponto habitual de partida para a viagem dos felizes horoscópios.

Mais do que tudo isto, era em tal momento um ótimo meio de entabular novamente a conversação e o Marcondes aproveitou-o. Desde que o vira, quando ele fora ao portão para recebê-los, que achara no Pedroca um arzinho de inteligente e decidido! Sim senhor, a criança prometia! O Pedro aprovava muito com a cabeça estas frases. Era essa também a sua opinião. O filhinho desde pequenino revelara grande presença de espírito e um gênio empreendedor! Não podia estar parado um só instante e o seu grande prazer era ir lá para o fundo do quintal onde levava uma porção de tempo a remexer na terra fazendo buracos com a colher de pedreiro das plantações. Dentre tudo achara-lhe muita graça uma ocasião em que o encontrara a querer pregar na parede uma torneira quebrada que andava rolando pelo chão e da qual, quando terminasse o trabalho a que se entregava com tanto afã, e ele esperava ver sair água. E o Pedroca sorria-lhe maliciosamente, muito contente em que se ocupassem com ele, admirado porém de acharem graça numas coisas que lhe parcelam tão naturais, lá um pouco sonolento, a cabecinha loura encostada à beira da mesa, tendo ainda na mão um pedacinho de torrada.

E a conversa generalizava-se. Nenê voltara a tratar de música, elogiando muito o Marcondes pelo seu talento e facilidade em tirar qualquer pedaço. O rapaz fazia-se modesto. Não era tão habilidoso como parecia, até mesmo não sabia nada de música e tocava muito de ouvido! Também isto até em certo ponto desculpável na vida que levava lá em Pernambuco, onde nunca recebera uma lição, mesmo porque também não tivera tempo para isto, muito ocupado como andava sempre! Chegara mesmo a abandonar quase a flauta e fizera-se muito forte no violão, que era aí muito estimado nas pândegas de estudantes! Nenê mostrou então vontades de ouvi-lo ao violão.

Devia ser muito bom, sobretudo quando o tocador tinha boa voz. E como insistisse muito o Marcondes prometeu fazer-lhe a vontade. No dia seguinte, quando fosse a cidade, havia de procurar um, porque ao partir do Recife dera o seu a um amigo. Apenas d. Augusta não simpatizou muito com a idéia, achando a filha estouvada em fazer o pedido, atendendo a que o violão era instrumento de gente ordinária.

E como o Pedroca tivesse adormecido durante a conversa, um pouco zangado porque não se ocupavam mais dele, conservando ainda a atitude engraçadinha em que se pusera para ouvi-los, com a cabeça à beira da mesa reclinada sobre o bracinho esquerdo e um pedaço de torrada na mão, a velha senhora propôs que o fossem deitar. Então ela e a filha suspenderam a criança muito delicadamente a fim de não acordá-la e antes de se retirarem para o quarto deram boas noites, contando não voltar mais à sala. Todas as noites era aquilo mesmo e o Pedro que gostava muito de chá e tomava cinco ou seis xícaras antes de se deitar já se habituara a ficar sozinho, na debandada dos pratos, esvaziando o bule e acabando as torradas. Era então, nesse grande isolamento, sentindo atrás de si os últimos ecos murmurantes do dia que findava e a atmosfera abafada da casa lá fechada, que ele se sentia inteiramente feliz, quase sem aspirações, num embotamento de fantasias, todo entregue à elaboração sossegada de suas digestões burguesas.



## Capítulo VII

Ficava ali mesmo na sala de jantar a escada que conduzia ao sótão onde tinham preparado o quarto do Marcondes; e como se fosse fazendo tarde e o bule já estivesse esvaziado o Pedro lembrou a oportunidade de irem deitar-se. Antes porém queria acompanhar o amigo até o seu aposento para ver se faltava alguma coisa e de que modo haviam executado as suas ordens. Demais, era este o seu primeiro encontro depois da formatura de ambos no externato do Pedro II. Havia cinco anos que não se viam, comunicando-se apenas por meio de cartas, na continuação, através da vida séria, daquela grande amizade do colégio - uma amizade cheia de veemências amorosas, toda feita com ternuras infantis que iam a caminhar pela existência afora. E eles agora tinham tanta coisa a se dizerem mutuamente - coisas que não se escrevem nas cartas, essas grandes ninharias de cada dia que fazem a vida inteira, que determinam-lhe todas as fases, a cujo instigamento a gente vai andando pelo mundo adentro e que entretanto formam um todo caótico, reconstruível apenas nessas longas conversas de recordações, quando cada um vai trazendo seus parcos subsídios a aviventar a memória.

Nos primeiros transbordamentos, naqueles abraços efusivos feitos com os juro de uma amizade capitalizados durante anos, e depois, quando entre eles andava toda a nova família do Pedro - Nenê tão amorosa e o Pedroca tão vivo e inteligente com a sua cabecinha loura, quando sentiam a moderar-lhes os ímpetos o vulto cerimonioso e gelado de d. Augusta, eles se haviam retraído, guardando para mais tarde as mútuas confidências, para quando pudessem estar mais livremente, em ceroulas e camisa, sem a etiqueta enfadonha das gravatas e colarinhos para dificultar-lhes os movimentos. E trataram de aproveitar a ocasião, planejando uma noite comprida de conversas, precavendo-se por causa das dúvidas com urna garrafa de conhaque e o açucareiro. Principalmente para o Pedro, tudo isto tomava as proporções de uma enorme patuscada. Como havia de ser boa aquela noitada longa de palestras entremeadas com uns grogues fracos e açucarados, bebidos simplesmente para molhar a garganta! E todos os seus instintos represados de boêmio vinham-lhe a flux da pele, enquanto o Marcondes tomava uns modos distraídos de quem lá está farto de semelhantes esbodegações.

Logo de principio não quiseram, porém, entrar no assunto. Precisavam retemperar-se nas evocações daquele passado comum que haviam vivido juntamente - espécie de embasamento por sobre o qual devia assentar o edifício do que iam dizer. Falaram dos companheiros, dessa grande turma de cento e tantos rapazes que tinham entrado no primeiro ano, que a pouco e pouco fora depurando-se, deixando em cada exame um pedaço de si mesma, e que chegara ao sétimo apenas reduzida a oito companheiros. Três estavam na academia de medicina, um em direito e dois na politécnica. Os outros andavam aí pelo mundo, uns já formados, outros empregados públicos, outros caixeiros, e tantos outros mais já perdidos de vista, disseminados pelas províncias! E iam assim, relembando nomes. Cada um trazia umas grandes recordações - lembranças de outros tempos e de outras alegrias. Rememoravam fatos - os castigos que tinham sofrido, os grandes temores do fim do ano, quando o exame vinha se aproximando e oscilava-lhes pela imaginação o vulto fantástico e aterrador de uma bomba.

Agora, completamente despreocupados das intrigazinhas e pequenos sucessos de então, julgando serenamente os acontecimentos, eles surpreendiam-se de encontrar tanta coisa boa, aí nos tempos buliçosos e alegres das suas primeiras mocidades. Tinham saudade. Saudade dessa vida de meninos! Saudade de toda essa gente que os cercara então! Se eles pudesse revivê-las - essas quadras sorridentes das suas infâncias, ir novamente para o pátio arenoso do colégio jogar a barra com os companheiros, voltar do recreio esfogueados e exaustos, para recordar rapidamente as lições, ouvir de quando em vez o grito dos inspetores chamando-os à ordem e procurando contê-los nos seus ímpetos de crianças, por certo que não teriam dúvida em voltar atrás, em recomeçar a existência! Era tão bom aquilo tudo! Havia ali tanta alegria, tanto prazer! E a imagem

desse colégio, onde eles tinham vivido os seus primeiros anos, surgia-lhes de entre as recordações, correta e grandiosamente, como um castelo suntuoso de fadas numa orgia honesta de alegrias santas.

E eles demoravam-se prolongadamente na reconstrução desses tempos idas, tendo talvez vontades de parar aí - nessa primeira pátria dos seus espíritos. Para aquém, para as bandas do presente, havia muita lágrima, muita tristeza e muito dissabor. E fizeram um silêncio grande, cada qual reconcentrado em si mesmo, esgravatando ainda um farrapo de recordação. Quais esses peregrinos que se abalançam para regiões ignotas e que lá do cabeço do monte derradeiro pairam um pouco o olhar para ver a imagem sagrada da casa paterna que se dissolve além, nas fímbrias nevoentas do céu, eles puseram-se a relembrar esse dia em que pela primeira vez vestiram a casaca das solenidades e, joelho em terra, cingiram à frente aquele barrete branco, imaculado e puro das suas crenças e das suas virgindades. Depois... vinha a vida! E os dois olhavam-se mutuamente, tendo a pelejar-lhes nos olhos umas lágrimas de saudade, com vontade de revivê-lo novamente - esse passado de infâncias que haviam vivido juntos.

## Capítulo VIII

De todas essas evocações do passado que eles tinham vivido juntos na grande efusão dos primeiros anos nascia-lhes um imenso bem-estar, uns redobramentos de e amizades que os reuniam em desejos enormes de comunismo. E os dois olhavam-se com exuberâncias de ternura, rearquitetando aquele edifício transposto da sua vida, com vontade de encontrá-lo novamente, saudosos desses tempos em que os prazeres lhes pareciam mais agradáveis, e não andavam cheios de preocupações, irrefletidos sobre o mundo, às soltas pelos campos sem fim da fantasia. Agora eles tinham inúmeras responsabilidades, eram homens feitos a principiar a vida séria; impunha-se-lhes a obrigação de construir umas pousadas - casulos tirados do próprio organismo, onde pudessem descansar mornamente, na grande elaboração biológica da família, às voltas com a atmosfera opressora do convencionalismo. E essa imagem alegre dos tempos que foram rejuvenescia-os, deixava que eles se embalassem as virações boas do ideal, blindava-os contra todo o meio opressor que os circundava.

Veio-lhes então imperiosamente a necessidade de completarem aquele quadro, de dizerem-se um ao outro tudo quanto lhes havia sucedido, esse desfilar peripecioso dos dias no lento trabalho do gota a gota que faz os estalactites das cavernas. E eram tão diversos os rumos que haviam seguido! o Pedro logo depois de sua formatura no colégio, sem mais detenções nem estadas pelas academias, entrara para a vida prática, achando-se sem família, sozinho no mundo, único arrimo de sua velha e entrevada mãe que morrera algum tempo depois. O emprego público fora para ele a única franquia que se lhe oferecera a mitigar as vicissitudes da sorte. Nem outra direção lhe era possível dar às suas aspirações, pois as outras carreiras andavam cheias de sobressaltos e de imprevistos. Ao princípio encontrara grande dificuldade em sujeitar-se a esse modo de existência, e ainda conservava umas tristes recordações dos tempos em que andara pelas secretarias a fazer concursos e a arranjar cartas de empenho. Fora mesmo uma campanha gigantesca o conseguir a sua nomeação como praticante da Secretaria de Agricultura.

Habituar-se porém àquilo tudo, e desde então começara a saborear pacatamente as beatitudes do sossego. Regrara a vida, numa grande atrapalhação para gastar o tempo que lhe sobrava. Bastava-lhe estar na repartição às horas e sair às duas horas para ter cumprido exemplarmente as suas obrigações. E todo o resto do dia, esse longo suceder de horas, parecia-lhe muito enfadonho, difícil de passar. Sem encontrar atrativos na vida boêmia da rua do Ouvidor, incapaz até de uma leitura, tendo abandonado os livros

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

